

### III INSIGNIFICANTE!

- Gosto disto aqui... faz parte da minha vida. Faz parte, não! É a minha vida... Entendeu? Minha vida de pobre, machucado, marcado e feliz.

Raimundo Francisco Ferreira da Silva Alves falava entusiasmado. Era um desabafo. Traçava um diálogo, que mais parecia um monólogo, com o seu colega de trabalho e de farras, o Zé da Foice.

Os dois trabalhavam na RFFSA e conheciam-se desde rapazolas. Mundinho, ou RFFSA, como todos o conheciam, amava tudo aquilo. Aquelas linhas, sinais e estações eram o seu mundo, seu mundinho.

A noite escorregava parada e sem estrelas e a velha estação de Deodoro, es-(x) tática, parecia preparada para ouvir os lamentos de Mundinho.

Conversavam entre doses exageradas de cachaça e tragos dosados de um cigarro de palha.

- Eu nasci do nada!

Deu uma volta, uma pausa, olhou para o Zé e retificou:

- Do nada, nada! Nasci daqui. Nasci, ou melhor, surgi de um trem. É... tá espantado, homem?

Zé só sabia olhar e olhar... escutar e escutar. Aquilo é que era um grande amigo!

- Pois vou te contar tudinho. Olhe, foi numa noite quase igual a esta, sem estrelas, sem lua... ... vazia. Meu pai e minha mãe estavam passando por aqui, iam pra casa deles que fica logo ali, depois daquela curva.

- É a que tu mora hoje? - Zé pronunciou-se .

- Claro, seu idiota, se eles eram os meus pais. Eram, não, são! Velhinhos, mas são ainda.

- Porque não falou logo? Fica dando rodeios...

- Zé, tá nervoso hoje?

- Não!

- Então deixa eu contar do meu jeito, oras. Então, quando eles passavam por aqui, ia justamente na hora passando o último Japeri daquele dia. E a minha mãe viu ser jogado de uma das janelas daquele trem um bebê todo enrolado numa manta grande. Foi alguma infeliz que jogou o pobre do bebê fora do trem. Queria se livrar dele. O bebê era eu e a infeliz era minha verdadeira mãe. Mas vê que destino! Então a minha mãe ficou desesperada.

- Mas ficou desesperada por quê? Jogou você porque quis. Raça de gente mais doida! Zé não estava entendendo direito-Acho que já tomei muita cachaça... Além de já estar vendo aquele sinal lá rodando, tá tudo embolado, não entendo direito o que você diz.

- Oh, seu débil, pancado da idéia... a minha mãe que ficou desesperada foi a que me criou, pois a que me jogou no trem, a que me pariu, nem ligou e continuou sua viagem, sabe-se lá para onde. Então a que me criou falou para o meu pai, que me criou, que tinha que me salvar. Meu pai segurou ela pelo braço porque vinha um Santa Cruz da outra linha. E não é que eu tinha caído justamente nesta outra linha!?

- Coitado! - gritou Zé - Morreu? - Já havia esquecido que era o próprio que contava a sua história.

- Calma, não interrompe, eu chego lá. E o Santa Cruz passou. A cachaça tá gostosa!

- Continua, diacho, vai agora fazer propaganda da cachaça por acaso?

- Depois dele passar fazendo aquele barulhão, meu pai e minha mãe correram pa-

ra junto de mim. A manta estava toda suja de sangue. Morreu! gritou minha mãe. Oh! falou meu pai. Eles se aproximaram já chorosos. - Mundinho dramatizava a cena - mas se enganaram direitinho. O tombo do trem, quando eu caí, não me matou porque eu estava enrolado num monte de pano e o bandido do Santa Cruz não havia me matado também, só esmagado o meu pé, o resto do meu corpinho estava inteiro.

- Oxi, que sorte tu tem!

- Sorte é apelido. Eu fui levado para o hospital e lá fiquei internado. Minha mãe nesta época, trabalhava numa casa de gente rica no Leblon. Ela era doméstica, agora já não trabalha mais, coitada, nem anda mais. Ela já ajudou muito o meu pai. Mas então... então a patroa dela resolveu fazer caridade para mim. Ajudou muito minha mãe e eu. Foi ela que me deu meu primeiro pé mecânico e depois me deu o outro. Este aqui.

Suspendeu seu pé todo posudo.

- Desde pequenino andava por estas linhas, apreciando os dois: o 33, Japeri, e o 42, Santa Cruz. Os destemidos. Os covardões. Gigantes sem alma. Do 13, o Parador eu nunca tive raiva... nem nada... é insignificante. - Um vento surdo estremeceu cabelos e roupas dos dois. Zé encolheu-se, agachado.

- Coisa engraçada, destino, quem sabe explicar? Todo mundo tem seu destino traçado, ninguém pode fugir dele e Mundinho também não pode. Na escola eu desenhava trens. Quando eu ia no Leblon, eu desenhava eles na areia da praia e todo mundo achava bonito. Vai ser pintor, desenhista, falavam, e meu pai corrigia: - Maquinista. Vai ser maquinista.

O silêncio tomou conta. O vento surdo tornou-se mudo. Ficaram minutos olhando a velha estação. De longe ela parecia enigmática. Caminharam um pouco, parando numa curva próxima.

- Quanta gente passa por ali, quanto suor! - Mundinho parecia quere filosofar. Gente chorando, gente sorrindo, bandido, homem honesto, gente alegre, gente triste, trabalhadores. Quantos atrasos e confusões. Trem é mesmo transporte de gente pobre. Tem mais é que se esmagar, virar sardinha em lata, se atrasar. Quando chegam tarde no trabalho, explicam que foi o trem 33 ou 42, o 13 quase nunca atrasa. O patrão ri, não sabe o que é enfrentar um trem, pensa que é igual a metrô, a táxi. Engraçado tudo isto. E o desgraçado é descontado ou despedido.

- Acabou o cigarro. Tava bom esse gostinho de palha. - Zé esmagava o cigarro com o pé.

- Eu tenho um varejão do trem aqui. Comprei hoje de tarde. Toma, acende. Passa a cachaça!

Mundinho estendia a mão e pegava a garrafa, meio trêmulo, quase deixando cair no chão.

- Meu pé eu perdi aqui, também perdi uma mãe semvergonha, mas esta não faz muita falta. Mas aqui ganhei um pai, uma mãe, meus amigos, a mulher e dois bagulhinhos lindos, os meus filhos. A primeira vez que eu chorei, foi dentro de um trem, a primeira vez que fui roubado, foi dentro de um trem, a primeira vez que eu fiz amor, foi dentro de um trem... eu me descobri gente dentro de um trem, foi ele que me fez assim... Adorava, quando criança, brincar dentro deles, me pendurar nas chupetas, ficar horas me balançando, gritando: Tarzan! Tarzan! Era minha selva, meu palácio e, depois de grande, meu motel... Cresci e vivi, cá estou eu! Passa um trago do canceroso, Zé!

A fumaça virava nuvem ao redor de sua cabeça e dentro dela límpidas reflexões.

Era uma borboleta bêbada a cambaleiar e sobrevoar sobre si mesmo, seu passado, suas raízes, seu presente. Calava-se, agora, na calada da noite, para dar vãos em sua vida. Subiu nos trilhos e começou a brincar de equilíbrio. A cachaça vencia, pois a cada subida era um tombo certo e ele ria-se. Era barata tonta, entorpecida.

Andaram em pouco mais adiante e lá estava ela, a estação de Deodoro e lá estava ele, Mundinho, a admirá-la, mítica. Zé da Foice tentava no fundo entender tudo aquilo.

- Você é um homem feliz? Até agora tu falou tanto, mas não disse isto. Estranho, não é? Zé realmente queria entender, esforçava-se para tal, tornar-se interlocutor.

Novamente era barata tonta, não sabia como responder seu melhor amigo e não queria deixar um vazio no diálogo forçado. Tentou preencher a pergunta:

- Sou e não sou, ou melhor, não sei se sou. Você sabe se é feliz?

Zé calou-se e em sua testa, através das rugas, formava-se um ponto de interrogação.

- Está vendo? Quem sabe responder???

Lançou um olhar féleo para Zé. Era um lobo mentecapto a uivar suas idéias e estas fluíam depois desta pergunta com mais força, como se fossem arrancadas de seu interior.

- Quem é feliz, Zé? Quem pode dizer: eu sou feliz, eu conheço a felicidade? A vida é um corredor enorme, cheio de portas... mas os homens vivem abrindo as portas erradas, vivem batendo cabeça para encontrar a porta certa. Felizes, todos somos, temos momentos felizes, passagens agradáveis, que nos fazem sorrir, nos chutam pra frente, dando coragem de continuar. Mas, ... eu não sei como explicar...

Refletia, tentava encontrar a colocação certa. Olhava para o céu e tentava ver a lua no lugar em que ela deveria estar.

- Felizes nós até somos porque estamos vivos, respiramos o ar, mesmo que seja poluído, podemos admirar o mundo, a chuva caindo ou não, a lua aparecendo ou o céu vazio, como hoje. Mas, somos, na verdade, sempre insatisfeitos. Nunca estamos cem por cento de acordo com as coisas da vida... com o trem cheio, com o trem quebrado, com a falta de pão, com a falta de tudo. Pode até reparar que nem os próprios ricos são satisfeitos; vivem com problemas, acham, por incrível que pareça, alguma coisa que também falte para eles. O ponto em comum entre nós é a insatisfação, que chega até a quebrar a barreira do dinheiro, ricos e pobres; a barreira de gerações, velhos e moços; a barreira do sexo, homem e mulher; a barreira da cor, preto e branco... todas as barreiras. Podemos até ser felizes, mas a insatisfação corta tudo. Outra noite eu estava aqui, neste mesmo lugar, pensando na vida, tentando entender estas coisas, quando cheguei a uma conclusão: somos insatisfeitos porque não nos entendemos, nunca. Acho que morremos sem saber o que somos, o que queremos, o que fazer, pra que viver...?

- E as alegrias da vida? Zé da Foice lembrava.

- Todo mundo tem. Tristeza bate na nossa porta, demora a sair, mas quando pinta uma alegriazinha é festa que não acaba mais. Quantas alegrias eu já tive. A minha primeira viagem de trem para São Paulo, que alegria! O nascimento do meu primeiro filho! O meu primeiro aumento! Tanta coisinha aqui e ali que deixa a gente se sentir voando. É bom sentir a felicidade. Para mim, uma alegria anula dez tristezas.

A noite corria, mas Mundinho a sentia paralisada. Era como se ele parasse de girar. Diante de seu amigo, não se cansava de falar, vomitava idéias e ideais.

- Você é meu ouvido... Está sempre escutando coisas que eu gosto de escutar, que são as coisas que eu falo. E eu posso até falar bobagens, fingir filosofiar, botar em prática o que descubro nos livros. Meus pais já quase não falam, nem ouvem, ficam num cantinho gemendo... É a idade, nosso destino... cabelo branco, caduquices, reumatismos... inutilidade. Minha mulher não sabe me escutar, só sabe falar da conta d'água, da luz, dos impostos, da vida que está cara, que fiou no armazém, que ficou no açougue e na padaria, e até que não tem mais roupa. Engraçado, por que as pessoas se preocupam tanto em se vestir. Na praia não anda todo mundo pelado? Tudincho de fora. Pra que esconder uma coisa que todo mundo mostra na praia? Roupa só serve, e quando muito, no frio. Roupa é supérfluo. Depois vêm estes doidos dizendo que cigarro é que é supérfluo.

- Eu não sei nem o que é isto, pra mim é palavrão... supérfluo! - Zé realmente só servia para escutar, que entender mesmo...

- Quem manda não gostar de ler. Só estudou o suficiente e depois parou, nunca mais quis

saber de ler nada, nem gibi. Ah, eu adoro ler, entro em mundos fantásticos. Sempre pegava livros emprestados com a patroa da minha mãe, muitas vezes ela até me dava de presente, via que eu gostava demais. Saía da casa dela no Leblon e pegava um ônibus até a Central do Brasil. No ônibus, não lia e nem mexia neles, ficavam quietinhos dentro do saco. Quando eu chegava no trem, libertava eles, folheava daqui e dali, escolhia daqui e dali, pegava um e começava a ler. Como é bom ler no trem, a viagem fica mais gostosa.

Mundinho, meio que discursava, um tanto que divagava, fazendo gestos retóricos, caras e bocas. Relembrava. Faminto... Fartos... Sonhos... Ardidinhos... Aquelas noites sem estrelas, sem lua, sem brilho faziam que, de um certo modo, ele ficasse daquela forma. Inspiravam-no. Talvez realizasse um flash-back e se transportasse para a noite em que perdera seu pé e ganhara a sua vida. RFFSA... Algo muito forte o prendia naquelas linhas férreas. RFFSA. Ali ele parecia querer encontrar alguma coisa, talvez o seu pé.

Zé da Foice, nesta altura dos acontecimentos, tirava um deleitoso cochilo. Recostara-se no mato amarelecido lateral à linha e caía, gradativamente, no mundo onírico e convidativo de Morfeu. A garrafa de pinga jogada ao seu lado. Um último gole esquecido, desprezado. Mundinho também o esquecera.... ficaria confinado talvez a uma cúpula com as frescas gotas de orvalho. O gole rejeitado. Os goles outros já haviam feito a cabeça de Mundinho. Sua euforia havia chegado à tona, já não percebia muita coisa ao seu redor.

A tontura o fazia, agora, rir. Ria tanto que quase caía nos trilhos entre uma gargalhada e outra. Seus olhos divisionavam o escuro do céu, o escuro da noite, o escuro.

Uma luz apareceu diante dos olhos de Mundinho e ele pensou ser a lua.

- Viu-me tão perdido aqui e veio me cumprimentar.

A proximidade entre eles fazia-se contínua.

- Lá vem ela na minha direção. Quer me ver de pertinho, conversar comigo, porque o Zé parece uma parede de tão mudo.

No meio dos trilhos, era um Cristo Redentor, de braços abertos, a esperar pela lua. Sentia junto à aproximação da lua um barulho que não lhe era muito estranho.

- A lua vem surgindo cor de prata... O céu está todo em festa pelo meu encontro com a dama da noite, até troveja, só falta relampejar...

O vento batia-lhe nas faces. Zé roncava.

- Vou me banhar com a tua luz.

E a luz chegava mais pertinho e o barulho crescia.

De braços abertos, ainda, encontrou-se com a luz...

Só que a luz não era da lua e sim do Parador, do último Parador, que acabava de esmigalhar não só o único pé do Mundinho, mas ele todo. O barulho, não era o trovão a saudar o seu encontro com a lua, mas o barulho do trem, que saudava o seu encontro com a dama sem rosto. O Parador, o 13, tão insignificante, apenas esperava a hora propícia para também entrar na vida de Mundinho.

Agora realmente a lua aparecia como querendo se desculpar do engano. No céu, ela surgia redonda e clara, porém os pedacinhos de Mundinho já não podia mais vê-la, ou quem sabe agora eles iriam ao encontro dela?

"Mundo, mundo, vasto mundo"

Mundinho, tu és a própria solução.

**Marisa Martins Gama Khalil**

O texto acima obteve o prêmio de menção honrosa no "2º Concurso de Contos de Franca" no ano de 1985.